

Serviço militar: os desafios do futuro

Não é o SMO que resolve o problema da escassez de efectivos nas forças armadas nem assegura a socialização cívica da juventude.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 17 de Abril de 2024

Vinte anos depois da sua extinção, regressou o debate sobre o serviço militar obrigatório (SMO), em Portugal. O debate é necessário e oportuno. Mas está a fazer-se no campo errado. Não é o SMO que resolve os problemas que andam no espaço público e que é suposto resolver. Não resolve nem a escassez de efectivos nas forças armadas nem a socialização cívica da juventude.

Vamos por partes. Como todos os factos sociais, o serviço militar é um facto histórico. Varia com o tempo e no tempo, de acordo com a tipologia dos conflitos, a natureza das ameaças e as missões das Forças Armadas. O SMO — a chamada conscrição — nasce com a Revolução Francesa e a ideia da “nação em armas”. E corresponde a um tempo histórico em que os conflitos eram entre Estados-nação, as ameaças eram territoriais e a missão das forças armadas a defesa do seu território. “Morrer pela pátria” era um dever de todos cidadãos e, por isso, legitimamente, o serviço militar era obrigatório. Acresce que na guerra desse tempo o número de homens era mais importante do que a tecnologia. E, por isso, a formação era básica e podia ser rápida. A Primeira e a Segunda Guerras Mundiais são os dois exemplos mais acabados desse modelo.

Durante a Guerra Fria, mas sobretudo depois desta, essa realidade desapareceu. A tipologia dos conflitos mudou, as ameaças tornaram-se transnacionais e a missão das forças armadas, a produção de segurança internacional, concretiza-se a milhares de quilómetros de distância do seu país. Tornou-se, assim, politicamente, impossível legitimar a obrigatoriedade do serviço militar quando o que estava em causa para os cidadãos não era a defesa da pátria.

Por outro lado, a tecnologia tornou-se mais importante do que a massa dos exércitos e passou a exigir uma formação técnica e uma especialização profissional que não se compadece com uma passagem curta pelas fileiras.

Por estas duas razões, nos anos 1990, os custos do SMO eram já superiores aos seus benefícios e concorreram para a mudança do modelo de serviço militar: da conscrição para a profissionalização. Nas últimas duas décadas, foi sob o regime de voluntariado e contrato que as Forças Armadas Portuguesas desempenharam as missões internacionais que tanto prestigiaram Portugal.

A invasão russa da Ucrânia trouxe de volta à Europa a guerra imperial, a ameaça territorial e voltou a pôr na agenda a defesa colectiva como missão das forças armadas. Abriu um novo ciclo histórico que impõe uma nova ponderação sobre o

ambiente estratégico, a tipologia de conflitos futuros, a natureza das ameaças e as missões militares associadas. Resolverá o regresso ao SMO tradicional os problemas actuais e os desafios futuros da segurança e defesa do país e das Forças Armadas em particular?

Primeiro, a **escassez de efectivos**. Hoje, mais do que ontem, a tecnologia militar e os sistemas de armas requerem uma formação técnica sofisticada, um treino específico e de longa duração. Isto é, a componente operacional do sistema de forças requer militares profissionais. Ora, o problema da escassez dos recursos humanos não está no modelo de serviço militar, mas na sua capacidade de atracção. E isto não se resolve com o SMO, mas com uma política pública de valorização salarial que seja competitiva no mercado.

Segundo, a **socialização cívica da juventude**. É indiscutível a importância da transmissão dos valores de cidadania que são os nossos: da democracia e dos direitos humanos, de que os direitos implicam deveres e do sentido de pertença à comunidade. Mas, se há um século, muitos jovens chegavam às fileiras analfabetos e recebiam na tropa as primeiras letras e noções cívicas e políticas, hoje, quando chegam são alfabetizados e, porventura, já votaram em eleições livres. A formação cívica não tem relação directa com os requisitos militares e não é missão das Forças Armadas. Deve competir à família e à escola.

Há por fim uma terceira questão, que a invasão da Ucrânia e o espectro da ameaça russa provocaram por toda a Europa e que tem de ser ponderada: **a mobilização militar em caso de guerra**. Numa situação extrema de escalada de conflito, uma reserva de recursos humanos para as fileiras pode ser necessária. É um problema sério, porque é sempre difícil mobilizar. Mas é-o, ainda mais, quando se torna urgente e não há experiência militar anterior, como acontece nas nossas sociedades. Não precisamos de olhar para o passado nem da psicose do SMO. Precisamos, sim, de olhar para o futuro, identificar os novos desafios e planeá-los desde já.

<https://www.publico.pt/2024/04/17/opiniao/opiniao/servico-militar-desafios-futuro-2087242>